

L E T R A S



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano 1 nº 07 Brasília, 08 de outubro de 1999

Câmara
homenageia
Pompeu de Sousa

Em tempo de Primavera

Rioke lança **Cultura Capital**

Valéria Velasco

“O medo ameaça o DF”

Cassiano Nunes

A Herança do modernismo de 22

Num mundo cada vez mais variável, dois elementos da realidade humana são imutáveis: a morte e a passagem do tempo. Quando jovens, tendemos a pensar que a mocidade não acaba. Por sua vez, os velhos reacionários acreditam religiosamente que a sociedade é estática. É comovente presenciar nesses saudosistas a sua fé pura no imobilismo. No entanto, tudo se move à medida que desfolhamos o calendário.

Na minha já longa experiência de vida, posso, baseado numa concepção do mundo dialética e antimaniqueísta chegar a uma conclusão positiva e que desmente os pessimistas impressionados com os fracassos políticos da nossa época: **há progresso!**

Nada me dá mais a evidência do progresso que a ascensão social da Mulher — vítima de opressão milenar —, no Brasil, no Ocidente. Na minha infância, ainda pude ver as mulheres limitadas quase que inteiramente à vida doméstica. Uma tacanha moralidade quase que proibia as mulheres de saírem à rua. Solteironas pálidas, enclausuradas, ficavam horas e horas bordando um lençinho, ou,

então, ociosas, à janela. Chegou a criar-se uma palavra para designá-las: "janeleiras". Se uma jovem mais vivaz chegava ao terceiro namorado provocava logo a repulsa social e passava a ser "uma moça falada". A melhor educação feminina — a das classes altas, oferecida por freiras estrangeiras, garantia o conhecimento do francês para as amenidades de salão e leitura de romances "rose", e a prática de bordados e uma pintura horrível. Até instituições respeitáveis como o Banco do Brasil recusavam a colaboração feminina. No presente, quando vejo moças ativas na polícia, nas Forças Armadas, lanço o desafio: houve ou não houve progresso? Pensem na mulheres que sofrem a pressão obscurantista de todos os fundamentalismos, de modo especial, o árabe, e assinalem a diferença.

No campo da educação, também se nota, a diferença auspiciosa, pois fomos um povo — é fato que se omite — renitente à existência da Universidade! E a primeira que se criou, na festa da comemoração do centenário da Independência, foi mais para o Rei da Bélgica ver... Uma década após, tempo de efervescência cultural, surgiu a precursora

Alvarus, "Miss Paraná", 1930. Desenhos retirados de revistas do tempo e do reprint que José Mindlin fez de "Klaxon" e da Revista de Antropologia"



e promissora Universidade do Distrito Federal que foi logo fechada, acusada de pregar idéias subverdivas...

Achei que era interessante trazer estes dados, bastante conhecidos mas poucos usados na reflexão dos contemporâneos, ao apresentar uma

palestra sobre o modernismo de 22. É verdade que ela se referirá à modernidade literária, cultural, mas já foi visto e inclusive reconhecido por político marcante brasileiro — Getúlio Vargas — o relacionamento entre o modernismo de 22 e a revolução de 30. A Se-

mana de Arte Moderna de 22 é simétrica com o levante do Forte de Copacabana. Pode-se dizer que o movimento modernista se desenvolve **pari passu** ao revolucionarismo tenentista e à fermentação do PD (Partido Democrático de São Paulo), enfim, a todas as forças politicamente renovadoras e às vezes messiânicas que projetavam a derrota da República Velha.

Em 1942, Mário de Andrade, um dos líderes da Semana de Arte Moderna de 22, e também a figura mais importante da turma promotora do evento, do ponto de vista da cultura, da erudição, e porventura da criatividade, comemora o 20º aniversário do portentoso e discutido acontecimento, com uma conferência intitulada O MOVIMENTO MODERNISTA, que constitui uma avaliação honesta dessa linha de pensamento e ação, e, mais do que isto, é um testemunho pessoal impressionante. Essa conferência tornou-se naturalmente um dos documentos básicos para o estudo do modernismo brasileiro. Há neles apreciações e julgamentos que dificilmente poderão ser rechaçados. Começa o polígrafo — que, sem excesso, podemos qualificar de genial — apontando que esse movimento especialmente artístico **manchou** os costumes sociais e políticos e "foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional". Contudo, Mário não deixa de notar que houve primeiro "a pré-consciência e em seguida a convicção de uma arte nova, de um espírito novo, desde pelo menos que viera se definindo...no sentimento de um grupinho de intelectuais paulistas".

É claro que o autor de MACUNAÍMA está se referindo aos fatos que antecederam a

Revisão constitucional

Maurílio Silva
PP



A Constituição Federal completou seus cinco anos de vida no dia cinco de outubro e, no dia 6, cumprindo uma exigência constitucional instalou uma comissão revisora para corrigir distorções feitas pelos constituintes de 1988. O Distrito Federal que hospeda o Governo Federal, as representações estrangeiras e o Congresso Nacional foi contemplado com uma autonomia questionável.

A capital do País vive uma crise de identidade: não é cidade, mas tem uma Lei Orgânica e um governador, não é estado e tem uma Câmara

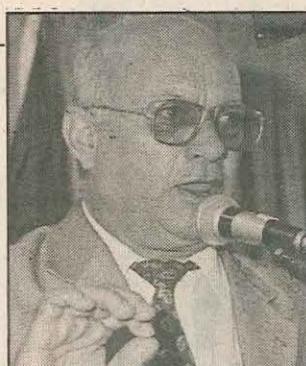
Legislativa e seus parlamentares são deputados. Só os senadores e os deputados federais não têm desvio de funções. Isso é a autonomia política que está escrita na Lei Maior.

Já a política de finanças públicas é uma incógnita. Arrecadamos um expressivo volume de impostos e vivemos de uma "mesada" do Governo Federal que mal paga as suas exigências.

Espero que os congressistas brasileiros, esclarecidos pelos parlamentares do Distrito Federal, dotem esta unidade da Federação com tratamento semelhante aos outros estados brasileiros. Temos a necessidade urgente de oferecer um projeto de desenvolvimento para toda essa gente desempregada das cidades-satélites e entorno de Brasília e só a autonomia financeira poderá trazer uma melhor realidade para todos nós.

Temos tudo para Brasília tornar-se a "primeira-dama" das cidades brasileiras ou um novo Estado. Se necessário for.

Padre Jonas
PP



Sabemos que o Desenvolvimento de uma Comunidade Integrada está ligada ao seu passado. Brasília tem 33 anos de existência e possui uma população em torno de 2 milhões de habitantes, sendo uma das maiores metrópoles do planeta. É uma cidade nova e, no início, foi projetada para conter 200 mil habitantes até o ano 2000. Entretanto, o que ocorreu com a nossa Capital Federal foi um verdadeiro fenômeno inexplicável, porque o que assistimos ao longo de curtíssima história, não passou de um "corre-corre" dos brasileiros ao

interior do Planalto Central.

Ora, afirmar que o Distrito Federal deverá ser "financeiramente autônomo na revisão constitucional", seria uma aberração e até mesmo uma ironia de nossa parte. Acharmos que o mais correto, dentro de nossos limites, é haver uma consulta prévia a todas as entidades de expressão no contexto brasileiro, pois, a partir desta consulta, o julgamento final será bem mais fácil para os Poderes Constituídos. Acharmos, também, que antes dessa consulta prévia, a situação da Região do Entorno já esteja estabelecida nos moldes de uma "Capital do 3º Milênio".

Além disso, destacamos que é preciso lembrar que o nosso Distrito Federal está estruturado nos princípios de uma Metrópole que avança no tempo, assistida pela União, visto que abriga os Poderes da República e é o Centro das decisões de um país de área continental, com uma área de 0,678% da área brasileira e não devemos, de modo algum, tomar medidas intempestivas.

Semana — a exposição de Lazar Segall, a mostra mais sensacional ou escandalizante da protomártir Anita Malfatti, o artigo infeliz mas exageradamente malinterpretado de Monteiro Lobato e a descoberta de Brecheret. No entanto, parece-me que o conteúdo revolucionário, vanguardista, nessas atividades deriva predominantemente do setor plástico, pois Mário de Andrade saudou ainda o "Homem Amarelo" de Anita... com um soneto parnasiano. As letras do tempo eram mais lentas na sua evolução, mais conservadoras. Formalmente, JUCA MULATO deve muito ao classicismo rostandiano, grandiloquente de Júlio Dantas — o que pode haver de mais "Belle Époque" e "sorriso da sociedade". NÓS, de Guilherme de Almeida, rescende ao pó de arroz de Paul Géraudy... Ronald de Carvalho também fez o serviço militar do parnasianismo. Não se deve deixar de dizer que Menotti, Guilherme e Ronald, intrinsecamente nada tiveram a ver com o modernismo. Sua mentalidade, esteticamente, era passadista. Dos três, o que mais se aproxima do modernismo, e mesmo assim com delicadeza cavalheiresca, é Ronald. Seus EPIGRAMAS IRÔNICOS E SENTIMENTAIS contém ressonâncias impressionistas. A explosão na poesia do modernismo, entre nós, realmente surgiu com PAULICÉIA DESVAIRADA, que Oswald de Andrade chamou de futurista — e de fato tem muito de futurista. Desta maneira começou a poesia de vanguarda entre nós...

Mas, a meu ver, no princípio do século, começou a surgir, no nosso ambiente literário, um desejo de repelir o neo-parnasianismo deslumbrante de Martins Fontes, meu conterrâneo. Foi o primeiro poeta importante que conheci pessoalmente. Esse se caracterizava por uma busca da limpidez e da autenticidade individual. O infortunado Hermes Fontes, exaltado por sua poesia delirantemente "Art Nouveau", que às vezes chegava ao plano do bestialógico, pretendeu evoluir para uma poesia transparente, fluente, líquida. Mas só a atingiu em A FONTE DA MATA, publicado em 1930!

"Depois de longa ausência e penosa distância,
vi a fonte da mata,
de cuja água bebi, na minha infância.
E que melancolia
nessa emoção tão grata!
Ver — constância das cousas,
na inconstância...
ver que a Poesia é uma segunda infância,
e que toda a poesia...
vem da fonte da mata..."

Na década de 30, surgem também os últimos livros de Martins Fontes, que procuram um novo classicismo, em suma, a simplicidade com a dignidade clássica.

No entanto, os dois poetas do princípio do século que vão granjear a consagração definitiva foram Augusto dos Anjos e Raul de Leoni. Cada um deles deixou apenas um livro, matéria suficiente para a sua imortalidade, não acadêmica, e portanto mais garantida. "Eu e Outros Poemas", de Augusto, é de 1914. LUZ MEDITERRÂNEA, de Raul de Leoni, foi publicado exatamente em 1922. O seu aparecimento nessa data não constitui um convite para a reflexão?

Pondo de lado as invenções características e rebarbativas dos grupos vanguardistas — futurismo, cubismo, expressionismo —, tenho a impressão de que os melhores poetas brasileiros das primeiras décadas manifestaram um ideal de sinceridade e simplicidade (uma linguagem natural e direta) que nada mais tinham a ver com a dureza e artificialismo do Parnaso nem com a flacidez do simbolismo.

"Os jovens, por falta de experiência existencial, não têm consciência do efêmero como sinal imanente da nossa humanidade".

A releitura cuidadosa e encantada dos ÚLTIMOS SONE-TOS, de Cruz e Sousa, — uma das obras mais poderosas e, porventura, das mais originais da literatura brasileira, — mostram-me mais titanismo do que simbolismo. Augusto dos Anjos ficou lhe devendo muito, mas progride no sentido de dar à sua poesia um sabor coloquial, um tom conversacional, sugerindo o diálogo, e às vezes até realizando-o plenamente. É o que se vê no soneto "Versos Íntimos":

"Vês? ninguém assistiu ao formidável
enterro de tua última quimera".

E mais adiante essa naturalidade da linguagem ainda mais se expõe:

"Toma um fósforo. Acende seu cigarro".

Frases curtas, enjambements, interrogações, exclamações, vocativos, reticências, repetições, procuram dar aos poemas em questão a desenvoltura da conversa comum. Cito uns versos do soneto "Idealismo":

"Falas de amor e eu ouço tudo e calo.

O amor na humanidade é uma mentira.

É. E é por isto que na minha lira

De amores fúteis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!"

A linguagem não é só tensa. É dramática, teatral. Há um bom número de anos, assisti em São Paulo a um interessante espetáculo que apresentava uma teatralização da poesia de Augusto dos Anjos. Curiosamente acentuava o seu aspecto **kitsch**.

O poeta do "EU" também cria o fantasmagórico meio sinistro — penso nas gravuras de Marcelo Grassman — com uma força, neste gênero, inédita em nossa poesia. É o caso de "O Caixão Fantástico" e "O Último Número", misterioso testamento poético, que R. Magalhães Jr. diz ter sido o

seu último soneto. Ditado a um amigo pois já não tinha mais forças para escrevê-lo no papel. É natural que o grande sabedor de literatura alemã, Anatol Rosenfeld, o tenha comparado aos expressionistas germânicos.

Versos poderosos, sugestivos e bem próprios, como estes pontilham a sua obra:

"Ah! esta noite é a noite dos Vencidos"

e mais:

"Ah! um urubu pousou na minha sorte!"

Raul de Leoni, que troca as obscuridades ominosas de Augusto dos Anjos, por clari-dades gregas, pagãs, compartilha com o coetâneo na imediatez da linguagem, como se pode ver neste soneto "História Antiga":

"No meu grande otimismo de inocente,

Eu nunca soube por que foi...um dia,

Ela me olhou indiferentemente,

Perguntei-lhe por que era...Não sabia...

Desde então, transformou-se de repente

A nossa intimidade co...ntia

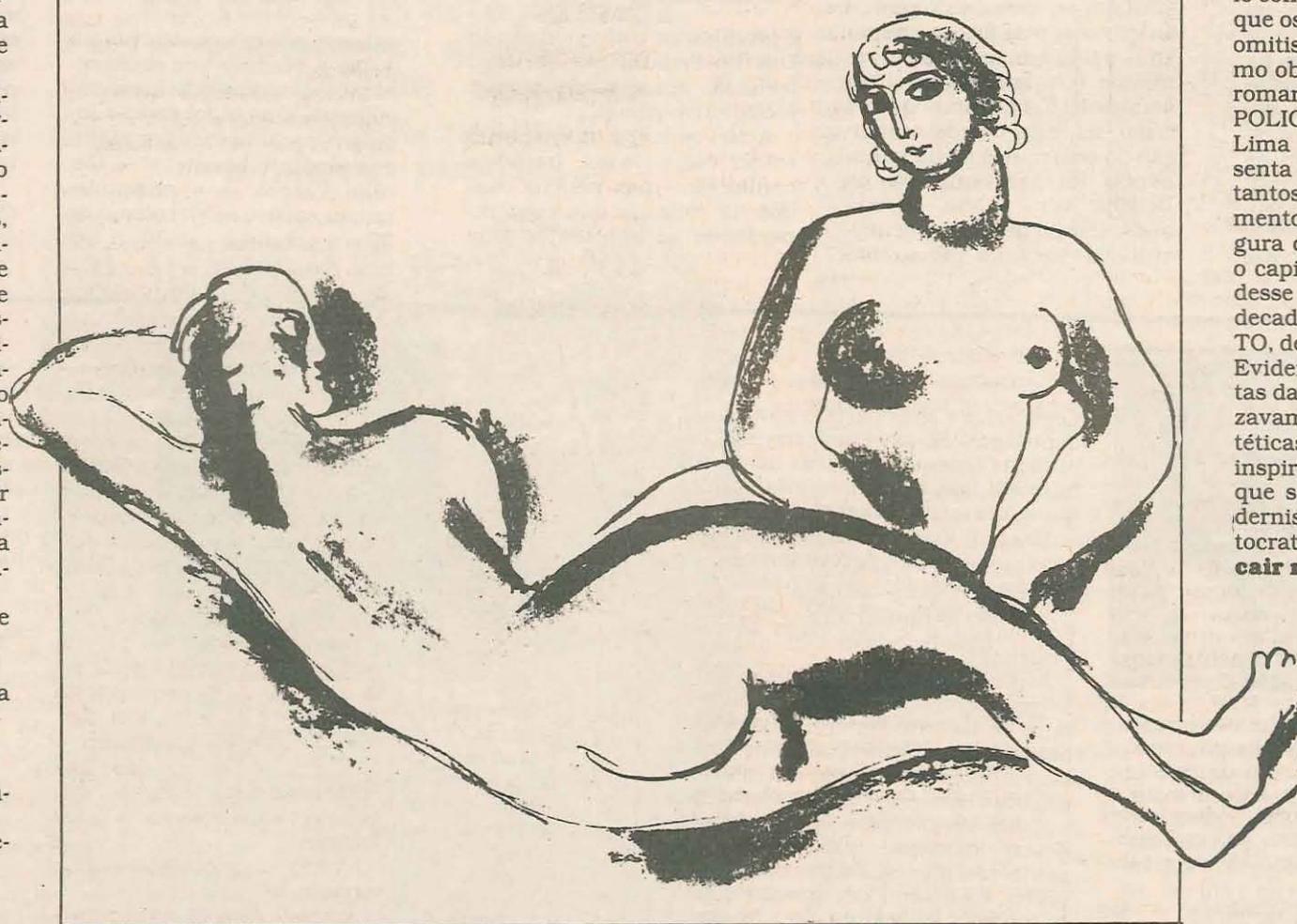
Em saudações de simples cortezia

E a vida foi andando para a frente..."

Como vêem, não atribuo exclusivamente, ao modernismo, o privilégio de atingir a criação de uma literatura alta e autêntica, legítima expressão do que se pode chamar uma civilização brasileira. Pelo contrário, sempre estranhei que os líderes do modernismo omitissem a importância, como obra de arte brasileira, do romance O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, de Lima Barreto, que nos apresenta um Quixote brasileiro, tantos anos antes do aparecimento dessa outra notável figura quixotesca do Nordeste: o capitão Vitorino Papa Rabo desse painel transfigurado da decadência que é FOGO MOR-TO, de José Lins do Rego.

Evidentemente, os modernistas da primeira hora só valorizavam as novas invenções estéticas do modernismo, de inspiração européia. É sabido que só depois de 24, os modernistas aristocratas e aristocratizantes começaram a cair na real... isto é, a perce-

Os trabalhos da fase surrealista de Ismael Nery os distinguem das obras dos pintores europeus da mesma corrente



"Nada me dá mais a evidência do progresso que a ascensão social da mulher — vítima de opressão milenar-, no Brasil. no Ocidente".

Revisão constitucional

Pedro Celso-PT



A melhor defesa de repasse de recursos da União para o DF é a não revisão constitucional. A revisão só interessa ao gigantesco lobby conservador e às forças contrárias à regulamentação de pelo menos 150 artigos elaborados pela Assembléia Constituinte de 88, que ainda não entraram em vigor.

O PT, juntamente com a OAB, CNBB, CUT e ABI, recorrerá à Justiça para impedir a revisão. Afinal, os deputados e os senadores não foram eleitos para elaborar uma nova constituição. De olho nas conquistas de 88, o que mais nos preocupa é o elenco de propostas da Fiesp.

A Fiesp defende uma revisão a cada cinco anos, ou seja, quer que a Constituição tenha a rotatividade de um motel. E mais: propõe um sistema tributário injusto, do ponto de vista social, um sistema de Seguridade Social excludente, na medida em que defende uma previdência estatal para quem ganha apenas um salário mínimo e idade mínima de 65 anos para aposentadoria.

A revisão, ora proposta, é totalmente prejudicial à classe trabalhadora, pois servirá para que a elite elabore uma constituição privatizante, voltada para os oligopólios, os cartéis e as multinacionais.

Peniel Pacheco-PTB



Para o Distrito Federal, a revisão constitucional tem uma importância precípua: a questão econômico-financeira. Criada como cidade exclusivamente administrativa, Brasília nunca ampliou sua base econômica a ponto de financiar os serviços de educação, saúde e segurança pública, que são custeados pela União.

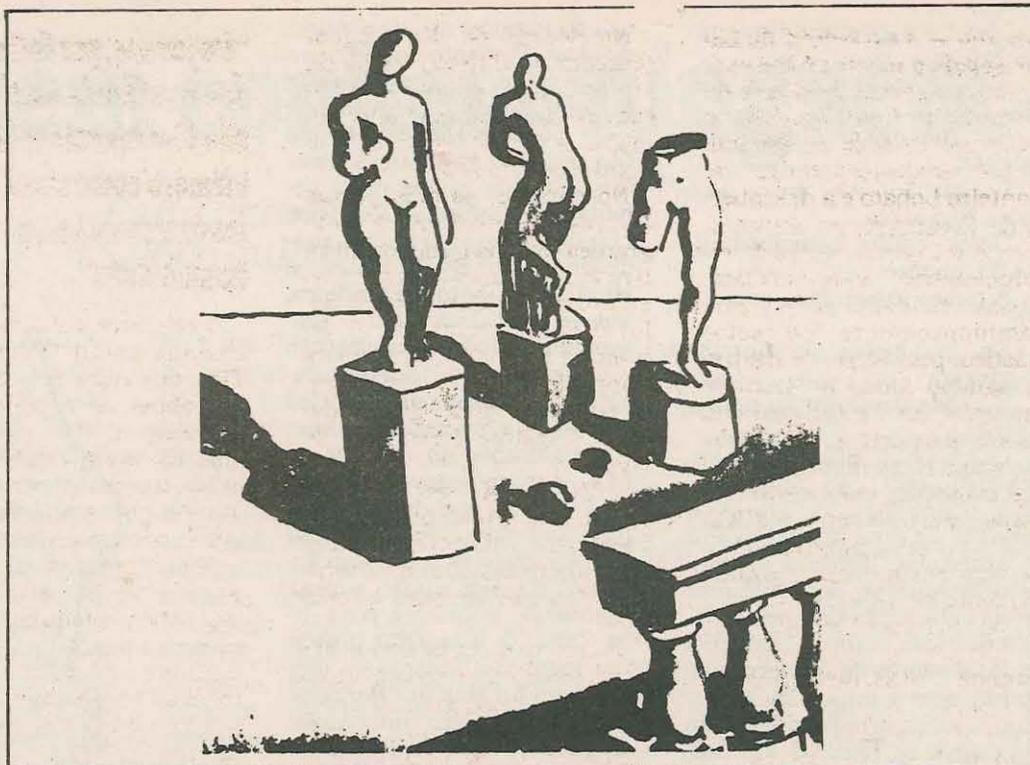
Essa situação nasceu com a própria Capital Federal. O então presidente Juscelino Kubitschek, através de ato administrativo, comprometeu a União a arcar integralmente com as despesas de saúde e educação do DF. Mas na prática isso ocorre de forma insuficiente, inclusive por causa da séria crise econômica que o País atravessa.

É preciso, na revisão constitucional, garantir ao DF a dotação de recursos para educação e saúde. Mas, também, não podemos prescindir de busca de soluções consistentes a longo prazo. É a tão necessária criação de um programa de desenvolvimento industrial e agrícola para o Distrito Federal, sem alterar, evidentemente, as características urbanas do Plano Piloto e também pouco poluir o ar.

Brasília não pode continuar sendo uma cidade meramente administrativa, e sim uma cidade desenvolvimentista, com um pólo industrial e agrícola que absorva a mão-de-obra. Isso será possível com incentivos fiscais e outras vantagens para os empresários que querem investir aqui.

ber que não se poderia criar uma arte brasileira importante sem antes descobrirem o Brasil...A descoberta do Brasil pelos modernistas se tornou, por conseguinte, uma das conquistas mais significativas da Literatura Brasileira. Além disso, é preciso salientarmos um aspecto da nossa história literária a que os nossos primeiros modernistas deram pouca atenção: isto é, que o primeiro esforço nacionalizador dos românticos não fora, totalmente apagado pelos parnasianos, como revelam "VIA LACTEA", de Bilac, e ROSA, ROSA DE AMOR, de Vicente de Carvalho. Não notaram também os modernistas as sementes de inquietação genuína no alvorecer do século que prometiam auspiciosa germinação. A esta fase, de ansiedade criadora acabou-se finalmente dando a denominação de pré-modernismo. Dedicou-lhe um estudo lúcido e sensível Alfredo Bosi. Portanto, não houve excesso de magnanimidade quando Oswald de Andrade — o dúplice Oswald, capaz das maiores injustiças, mas também dos gestos mais generosos — apontou Monteiro Lobato como o primeiro modernista no Brasil. Sim, é Monteiro Lobato, fazendeiro, que ao criar Jeca Tatu — que pretendia ser uma caricatura — nos oferece, desavisadamente, a figura emblemática da tragédia brasileira: o caboclo, habitante do interior do país, o representante lidimo de um povo sem terra numa terra sem povo. Lendo VIDAS SECAS, pude notar, como Fabiano, na sua quase subhumanidade, se parece com Jeca Tatu. O ufanismo protestou logo com insânia — desmascarado! Mas Rui Barbosa, não obstante ser um erudito de gabinete, não se deixou enganar e reconheceu a autenticidade desse brasileiro degradado. Tão autêntico e presente que o vejo agora todas as manhãs em certas quadras de Brasília, em calçadas e gramados, onde, instalado, come, dorme, ama e defeca.

Esta defesa que faço do pré-modernismo não é recente. Fi-la exatamente há 50 anos ao realizar a minha primeira palestra sobre a poesia modernista brasileira. Parte do meu texto se perdeu nas minhas andanças mas felizmente ficou a crítica que lhe fez pessoa ilustre e especialmente interessada no assunto: Mário de Andrade. Vou reler aqui o princípio dessa carta inédita. É dirigida para Miroel Silveira, meu conterrâneo e querido amigo. Manifesta-se assim Mário sobre a palestra do jovem escriba provinciano: "São Paulo 11 de setembro de 1942. Miroel querido: Me levanto da cama pra lhe escrever já-já. Ontem deitado, questão de doença, creio que fígado, não sei, não chamo médico, ando excessivamente sem vontade pra nada, é essa



Ismael Nery, desenhos a nanquin e a guache, 1930. Coleção particular/SP.

"No princípio do século começou no nosso ambiente literário, um desejo de repelir o neoparnasianismo deslumbrante de Martins Fontes"

guerra, essa guerra. Recebi sua carta e li imediatamente a conferência. Sem ser nada condescendente, achei notável. No entanto, os dois poemas do princípio do século que vão granjear a consagração definitiva foram Augusto dos Anjos e Raul de Leoni. Cada um deles deixou apenas um livro, matéria suficiente para a sua imortalidade, não acadêmica, e portanto mais garantida. "Eu e Outros Poemas", de Augusto, é de 1914. LUZ MEDITERRÂNEA, de Raul de Leoni, foi publicado exatamente em 1922. O seu aparecimento nessa data não constitui um convite para a reflexão?

Pondo de lado as invenções características e rebarbativas dos grupos vanguardistas — futurismo, cubismo, expressionismo —, tenho a impressão de que os melhores poetas brasileiros das primeiras décadas manifestaram um ideal de sinceridade e simplicidade (uma linguagem natural e direta) que nada mais tinham a ver com a dureza e artificialismo do Parnaso nem com a flacidez do simbolismo.

A releitura cuidadosa e encantada dos ÚLTIMOS SONE-TOS, de Cruz e Sousa, — uma das obras mais poderosas e, porventura, das mais originais da literatura brasileira, — mostram-me mais titanismo do que simbolismo. Augusto dos Anjos ficou lhe devendo muito, mas progride no sentido de dar à sua poesia um sabor coloquial, um tom conversacional, sugerindo o diálogo, e às vezes até realizando-o plenamente. É o que se vê no soneto "Versos Íntimos":

"Vês? ninguém assistiu ao formidável

enterro de tua última quimera".

E mais adiante essa naturalidade da linguagem ainda mais se expõe:

"Toma um fósforo. Acende seu cigarro".

Frases curtas, enjambements, interrogações, exclamações, vocativos, reticências, repetições, procuram dar aos poemas em questão a desenvoltura da conversa comum. Cito uns versos do soneto "Idealismo":

"Falas de amor e eu ouço tudo e calo.

O amor na humanidade é uma mentira.

É. E é por isto que na minha lira

De amores fúteis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!"

A linguagem não é só tensa. É dramática, teatral. Há um bom número de anos, assisti em São Paulo a um interessante espetáculo que apresentava uma teatralização da poesia de Augusto dos Anjos. Curiosamente acentuava o seu aspecto kitsch.

O poeta do "EU" também cria o fantasmagórico meio sinistro — penso nas gravuras de Marcelo Grassman — com uma força, neste gênero, inédita em nossa poesia. É o caso de "O Caixão Fantástico" e "O Último Número", misterioso testamento poético, que R. Magalhães Jr. diz ter sido o seu último soneto. Ditado a um amigo pois já não tinha mais forças para escrevê-lo no papel. É natural que o grande sabedor de literatura alemã, Anatol Rosenfeld, o tenha comparado aos expressionistas germânicos.

Versos poderosos, sugestivos e bem próprios, como estes pontilham a sua obra:

"Ah! esta noite é a noite dos Vencidos"

e mais:

"Ah! um urubu pousou na minha sorte!"

Raul de Leoni, que troca as obscuridades ominosas de Augusto dos Anjos, por clari-dades gregas, pagãs, compartilha com o coetâneo na imediatez da linguagem, como se pode ver neste soneto "História Antiga":

"No meu grande otimismo de inocente,

Eu nunca soube por que foi...um dia,

Ela me olhou indiferentemente,

Perguntei-lhe por que era...Não sabia...

Desde então, transformouse de repente

A nossa intimidade correntia

Em saudações de simples cortezia

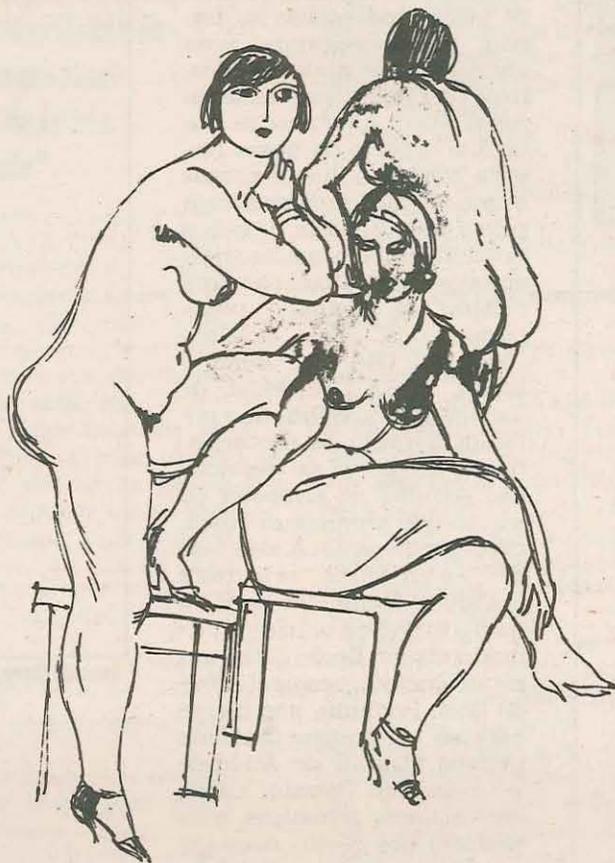
E a vida foi andando para a frente..."

Como vêem, não atribuo exclusivamente, ao modernismo, o privilégio de atingir a criação de uma literatura alta e autêntica, legítima expressão do que se pode chamar uma civilização brasileira. Pelo contrário, sempre estranhei que os líderes do modernismo omitissem a importância, como obra de arte brasileira, do romance O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, de Lima Barreto, que nos apresenta um Quixote brasileiro, tantos anos antes do aparecimento dessa outra notável figura quixotesca do Nordeste: o capitão Vitorino Papa Rabo desse painel transfigurado da decadência que é FOGO MORTO, de José Lins do Rego.

Evidentemente, os modernistas da primeira hora só valorizavam as novas invenções estéticas do modernismo, de inspiração européia. É sabido que só depois de 24, os modernistas aristocratas e aristocratizantes começaram a cair na real... isto é, a perceber que não se poderia criar uma arte brasileira importante sem antes descobrirem o Brasil...A descoberta do Brasil pelos modernistas se tornou, por conseguinte, uma das conquistas mais significativas da Literatura Brasileira. Além disso, é preciso salientar um aspecto da nossa história literária a que os nossos primeiros modernistas deram pouca atenção: isto é, que o primeiro esforço nacionalizador dos românticos não fora totalmente apagado pelos parnasianos, como revelam

estudo lúcido e sensível Alfredo Bosi. Portanto, não houve excesso de magnanimidade quando Oswald de Andrade — o duplice Oswald, capaz das maiores injustiças mas também dos gestos mais generosos — apontou Monteiro Lobato como o primeiro modernista no Brasil. Sim, é Monteiro Lobato, fazendeiro, que ao criar Jeca Tatu — que pretendia ser uma caricatura — nos oferece, desavisadamente, a figura emblemática da tragédia brasileira: o caboclo, habitante do interior do país, o representante lídimo de um povo sem terra numa terra sem povo. Lendo VIDAS SECAS, pude notar, como Fabiano, na sua quase subhumanidade, se parece com Jeca Tatu. O ufanismo protestou logo com insânia — desmascarado! Mas Rui Barbosa, não obstante ser um erudito de gabinete, não se deixou enganar e reconheceu a autenticidade desse brasileiro degradado. Tão autêntico e presente que o vejo agora todas as manhãs em certas quadras de Brasília, em calçadas e gramados, onde, instalado, come, dorme, ama e defeca.

Esta defesa que faço do pré-modernismo não é recente. Foi exatamente há 50 anos ao realizar a minha primeira palestra sobre a poesia modernista brasileira. Parte do meu texto se perdeu nas minhas andanças mas felizmente ficou a crítica que lhe fez pessoa ilustre e especialmente interessada no assunto: Mário de Andrade. Vou reler aqui o princípio dessa carta inédita. É dirigida para Miroel Silveira, meu conterrâneo e querido amigo. Manifesta-se assim Mário sobre a palestra do jovem escriba provinciano: "São Paulo 11 de setembro de 1942. Miroel querido: Me levanto da cama pra lhe escrever já-já. Ontem deitado, questão de doença, creio que figado, não sei, não chamo médico, ando excessivamente sem vontade pra nada, é essa guerra, essa guerra. Recebi sua carta e li imediatamente a



Ismael Nery,
desenhos a nanquin,
1930. Coleção particular,
Campinas/SP

densa, o que me tem levado a dizer, de maneira um tanto hiperbólica, que o Nordeste é a alma do Brasil. Ou que ele é o lugar onde sentimos mais distintas as raízes do Brasil. Mas naturalmente em todas as regiões brasileiras, Minas, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, e Rio Grande do Sul, deparemos com fortes denominadores comuns nacionais".

Expostos os elementos do nosso modernismo que me parecem mais patentes, chego ao ponto exato que visa este trabalho: em que consiste a herança do modernismo de 22?

Parece-me que já se tornaram transparentes os aspectos que constituem essa herança: a repulsa da alienação intelectual causada pelo império das culturas estrangeiras; a independência no plano da criação, de que se favoreceram artistas que criaram técnicas de expressão literária muito pessoais: como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, João Antônio e outros; a busca da identidade brasileira que é o melhor meio para cada artista patricio descobrir a sua originalidade. Desta maneira, é vencido um complexo de inferioridade castrador.

O autoconhecimento, a auto-análise e a auto-crítica, que foram estimulados pelo modernismo, levam-me a pensar que não obstante as feias mazelas do presente e a provável esterilidade das últimas décadas, mais marcadas pela rebeldia do que pela criatividade, houve um notável progresso mental de que pode

nais são dominados por grupinhos sem espírito aberto e alto; as estações de rádio e de tevê mal começam a tomar conhecimento do livro.

A meu ver — é uma concepção muito pessoal, talvez — as duas maiores e dolorosas carências do País são:

1ª a necessidade dos brasileiros tomarem posse concreta e racionalmente do território nacional; e

2ª a situação desesperada dos sem-terra — que são a maioria dos brasileiros do interior. É necessário primeiro dar chão e após orientação, para que os brasileiros criem raízes. Sem raízes não há Pátria.

É claro que os dois problemas se entrelaçam e confundem e não atraem a atenção das forças poderosas que querem conservar o *statu quo* horrível.

O Brasil é uma conquista dos brasileiros e dos estrangeiros que voluntariamente se abraçaram, sendo muitas vezes mais patriotas que os nascidos na terra. Ser brasileiro não é só uma fatalidade. Pode também ser uma opção. Opção que foi feita por grandes estrangeiros como Fritz Muller, Kurt Nimuendaju e Paulo Rónai.

O Brasil é uma nação "in fieri", um "work in progress". Não está ainda completo; falta-lhe o remate. Caminha para o futuro...

Quem sugere muito bem esta circunstância, com a sabedoria da poesia, natural aos ficcionistas, é Lima Barreto no final da sua obra-prima rústica TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, que justamente é rústica porque é bem brasileira. Ele nos sugere a fé na evolução e animado por esta fé nos dá uma lição de paciência. Nas páginas finais do romance em questão, Olga, uma personalidade feminina forte naquele tempo de mulheres sem voz — o fim do século XIX — resolve enfrentar o fanatismo dos jacobinos florianistas, uma época marcada por arbitrio e crimes

"A releitura cuidadosa e encantada dos Últimos Sonetos, de Cruz Sousa, mostram-me mais titanismo do que simbolismo".

"O Brasil é uma nação "in fieri", um "work in progress". Não está ainda completo. Falta-lhe o remate. Caminha para o futuro..."

"VIA LACTEA", de Bilac, e ROSA, ROSA DE AMOR, de Vicente de Carvalho. Não notaram também os modernistas as sementes de inquietação genuína no alvorecer do século que prometiam auspiciosa germinação. A esta fase de ansiedade criadora acabou-se finalmente dando a denominação de pré-modernismo. Dedicou-lhe um

conferência. Sem ser nada condescendente, achei notável. No mesmo estudo, tentando explicar um certo esvaziamento cultural na vida de São Paulo, cotejei-o com o Nordeste: "O Nordeste sofreu crises políticas, indubitavelmente, além disso padecia e ainda padece de pobreza crônica, mas mesmo assim teve uma história mais contínua e

bem aproveitar o nosso povo. Se ele não tem aproveitado é por duas razões: a impermeabilidade do nosso sistema de poder ao gosto pela cultura e a mediocridade cultivada pelos nossos meios de comunicação. Hoje, há menos publicações literárias no Brasil do que no passado; os suplementos culturais dos nossos jor-

terríveis, a fim de salvar o padrinho, homem idealista e inocente, preso sem nenhuma razão pela polícia política. É mal recebida pelo ajudante de ordens do Marechal Floriano e resolve desistir do pedido, porque acha que, em tal ambiente, qualquer rogativa mancharia a memória ilibada do infortunado cidadão.